



Hungria: Revolução, 1956

Twelve Days: Revolution 1956, da autoria de Victor Sebestyen, recorda-nos os dias de há 50 anos numa cidade capital da Europa Central.

Budapeste, uma cidade moderna de um país da União Europeia, ainda hoje exhibe a marca dos disparos nas fachadas de muitos edifícios.

Estas marcas continuam a invocar os 12 dias de 1956, dias em que um pequeno país na esfera do Bloco Soviético desejou um destino diferente. Distante da ideia de um “Socialismo de Rosto Humano”, a História seguia então a sua marcha inexorável, insensível à vontade dos homens e ao desejo das nações. A vida de Victor Sebestyen é um episódio dessa História, tendo nascido em Budapeste, tornou-se refugiado com 6 meses de vida, na sequência exacta da Revolução de 1956.

No entanto, não existe vestígio de ressentimento no relato do Autor, nem existe a pretensão de relançar

o espírito e a memória da Guerra Fria – Victor Sebestyen não deseja a *révanche* da memória ou o processo da História. Com o distanciamento que nem sempre o tempo permite alcançar, *Twelve Days, Revolution 1956* concilia o registo lúcido, rigoroso e académico com o estilo cortante, dramático e visual de uma reportagem. Na origem do equilíbrio estará a conciliação da investigação e das fontes históricas com o relato, escrito em memórias ou obtido por meio de entrevistas, dos intervenientes na Revolução de 1956. O resultado é uma narrativa histórica com o eco das vozes nas ruas de Budapeste.

Em 1956, a Hungria era uma República Socialista no contexto de uma relação fraternal com a então União Soviética. Mas para além da análise e da descrição circunstancial dos acontecimentos, existe uma dimensão humana que Sebestyen capta com uma apreciável sensibilidade. Os acontecimentos preenchem uma sequência que parece obedecer a um desígnio trágico – uma manifestação de estudantes que se transforma em insurreição; uma insurreição que ganha os contornos de uma Revolução; uma Revolução que, num primeiro momento, consegue resistir a uma operação do Exército Vermelho; uma Revolução que, finalmente, foi interrompida pela força de uma ofensiva militar do Pacto de Varsóvia.

A dimensão humana, estranha, implacável, cinzen-

ta, revela-se através de uma narrativa indirecta que vai pontuando os contornos do universo político das elites socialistas. Um universo marcado pela combinação de uma exaltação permanente com o mais extremo idealismo. Se a exaltação seria alimentada pela ansiedade e pelo medo, o idealismo seria o imparável reflexo que estimula o homem a acreditar sem limites.

No mundo político das elites socialistas, dominava a convicção de que a verdade só teria algum sentido enquanto resultado de um mecanismo de decisão político. A verdade em cada momento seria a versão que melhor descrevesse o sentido político resultante das várias forças em conflito. Neste pequeno círculo não existem inocentes nem culpados, não existem dissidentes nem delatores, não existem mortes nem prisões injustas, apenas o ritmo abrasivo e burocrático de uma teoria em movimento. O relato de Victor Sebestyen introduz o leitor no estranho labirinto das decisões morais, um extenso território em que a miséria humana parece dominar com a banalidade das pequenas e grandes decisões e em que a fronteira entre o bem e o mal foi simplesmente abolida pela absorção do homem pelo funcionário. Neste mundo, não existem heróis mas apenas destinos trágicos. Destinos como o de Imre Nagy, *apparatchik* comunista de toda uma vida, ministro da Revolução Popular, proscrito no Partido, redentor do Regime Socialista, subitamente projectado à liderança política da Revolução de 1956 e executado por enforcamento enquanto símbolo de uma Revolução da qual nunca terá sido o verdadeiro líder. Mas *Twelve Days, Revolution 1956* não será apenas um livro sobre o passado, precisamente porque será a invocação de uma memória. Como refere Tony Judt em *PostWar – A History of Europe Since 1945*, a Europa terá vivido uma amnésia parcial com a duração de meio século. Desde 1989, a Europa teria então entrado numa zona do tempo saturada pela memória. A celebração de identidades comuns, os museus, os memoriais e os velhos símbolos invadem e assinalam o território de uma Europa unida na sua divisão – a ideia de que o passado é um país distante pertence ao universo da ficção e não da História. O livro de Victor Sebestyen pertence a esse movimento de reencontro com memória.

Mas este reencontro com a memória suscita alguma reflexão. Na nova União Europeia alargada a 27 países, convergem experiências históricas diversas,

antagónicas e que partilham um passado de divisão e de mútua aniquilação. A política de alargamento transformou todos os ressentimentos da Europa em questões da União Europeia – a ideia de um projecto europeu em torno da reconciliação entre a França e a Alemanha será apenas parte de uma vasta e complexa realidade. Para a maioria dos países do alargamento, Strasbourg não terá a dimensão de um símbolo e a data de 1945 será apenas um ano trágico num longo século que terminou apenas em 1989.

Assim, algumas questões que ocupam e dividem a nova Europa reflectem o peso e a complexidade de uma História comum.

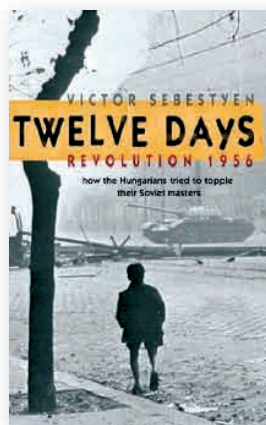
A agressividade diplomática da Rússia em relação aos Países Bálticos; as profundas divisões na Polónia e na Roménia a propósito de um passado de colaboração com o regime socialista; os traços de anti-semitismo na metade oriental da Alemanha; a resistência semântica da Polónia à designação de Auschwitz enquanto “campo da morte Polaco”, propondo em alternativa a referência ao “campo da morte Nazi situado na Polónia”; o conflito diplomático entre a Rússia e a Estónia, e a indignação da população com origem étnica na Rússia, em relação à remoção, do centro da capital Tallinn, e posterior transferência do Memorial Soviético da Segunda Guerra Mundial; a campanha liderada pelo *ensemble* dos Países Bálticos para a introdução de uma directiva da União Europeia reconhecendo os crimes de Estaline na Europa Central, propondo

ainda o não reconhecimento desses delitos como um crime equivalente à negação do Holocausto.

Enquanto as estátuas de Lenine persistem em Berlim, com o alargamento, a União Europeia projectou as suas fronteiras para a zona de todos os conflitos, adicionando uma faixa de tempo riscada pelo regresso da História.

Twelve Days – Revolution 1956, mais do que um relato histórico, será sobretudo matéria para reflexão sobre o futuro da Europa.

Uma Europa em que a síndrome do esquecimento ou da negação poderá permitir a repetição de erros passados. Mas no entanto, uma Europa que anseia por um destino comum e por uma convivência pacífica entre as nações, desejo que implica um módico de esquecimento. Entre a memória e o esquecimento, entre o passado e o futuro, é a História no coração da União Europeia.



Twelve Days, Revolution 1956
Victor Sebestyen

Weidenfeld&Nicolson, 2006